

ALTO DOURO E PICO - TERRITÓRIOS DE PEDRA, TERRITÓRIOS DE VINHA: COMO O RELEVO PODE CONDICIONAR OU DEFINIR A CULTURA VÍNICA (1850-1970)

ALBANO VISEU*

Resumo: Os territórios das redondezas do Cachão da Valeira no Douro e da ilha do Pico apresentam características e especificidades que condicionaram a fixação e a instalação de unidades de produção da vitivinicultura nessas áreas geomorfológicas específicas de Portugal.

No Alto Douro, o cachão da Valeira, formação granítica que representou até finais do século XVIII um obstáculo natural à navegabilidade a montante do rio Douro, condicionou a afirmação e a protecção da cultura vitivinícola nessa zona. Outro impedimento, este de natureza histórica e social, que foi travando a expansão da vinha nessa área, até à fronteira espanhola, foi a não legalização da exportação dos vinhos aí produzidos, o que influiu, até meados do século XIX, na instalação mais generalizada de unidades de produção vitivinícola e nos investimentos de uma burguesia endinheirada que procurou enriquecer com o negócio dos vinhos generosos que lhe trouxessem dividendos lucrativos.

No Pico, o relevo vulcânico e pedregoso não impediu a acção humana direccionada para a obtenção de um vinho licoroso e outro para consumo, à semelhança do que sucedeu no Alto Douro. As vertentes representadas pelo clima, pela pluviosidade e pelo relevo não travaram o desenvolvimento desta cultura vinhateira nas duas regiões.

É esse o tópico de análise que propomos para reflexão neste trabalho, tentando equacionar uma previsão diferente para o desenvolvimento da vitivinicultura, mesmo se vencidos os acidentes

* Doutorado em História, investigador integrado do CITCEM/FLUP.

do relevo, nessas duas áreas, não tivesse sido reconhecida a qualidade dos vinhos aí produzidos e se não tivessem sido procuradas em função dos negócios proporcionados.

Palavras-chave: Vitivinicultura; Terras pedregosas; Vinhos fabulosos; Mercado; Identidade.

Abstract: The areas around Cachão da Valeira in the Douro and Pico Island have characteristics and specificities that conditioned the establishment and installation of wine production units in these specific geomorphological areas of Portugal.

In the Alto Douro, Valeira's hamlet, a granite formation that represented until the end of the 18th century a natural obstacle to navigability upstream of the river Douro, conditioned the affirmation and protection of wine culture in that area. Another impediment, of a historical and social nature, which was blocking the expansion of the vineyard in this area, to the Spanish border, was the non-legalization of the exportation of the wines produced there, which influenced, until the middle of the nineteenth century, the most widespread installation of units of wine production and in the investments of a wealthy bourgeoisie that tried to enrich with the business of the generous wines that brought him lucrative dividends.

In Pico, the volcanic and stony relief did not prevent human action aimed at obtaining a liqueur wine and another for consumption, similar to what happened in Alto Douro. The slopes represented by the climate, rainfall and relief did not stop the development of this winemaking culture in the two regions.

This is the topic of analysis that we propose for reflection in this work, trying to equate a different forecast for the development of vitiviniculture, even if the relief accidents in these two areas were overdue, the quality of the wines produced there had not been recognized and if they had not been sought on the basis of the business provided.

Keywords: Winemaking; Stony lands; Fabulous wines; Market; Identity.

INTRODUÇÃO

Os territórios de pedra, rochosos e pedregosos, quando aproveitados para territórios de vinha, recebem a ação de um conjunto de factores que influenciam a execução das lides agrícolas, as culturas e a obtenção de uma compensação para o esforço humano¹ despendido.

O relevo e a natureza dos terrenos, bem como os elementos do clima, pelos efeitos exercidos sobre as culturas, são factores principais². O presente estudo centra-se apenas sobre o relevo por se encontrar relacionado com a metamorfose por que passaram as regiões do Alto Douro e da ilha do Pico, nos Açores.

O relevo do Alto Douro, montanhoso e íngreme, xistoso, e granítico em alguns lugares³, fez

¹ BARRETO, 1999: 6.

² VISEU, 2007.

³ VILLA MAIOR, 1865: 6, 53.

com que o homem exercesse a sua acção e recorresse a uma espécie de engenharia adaptativa⁴ que tornasse possível a plantação e a produção. A conquista do espaço e dos seus elementos naturais permitiu que a cultura da vinha ganhasse importância, face a outras culturas locais.

Na ilha do Pico, um trabalho árduo ajudou a preparar as terras pedregosas para a cultura da vinha e para a obtenção de um vinho licoroso (*Pico amoroso*) e outro corrente (*Pico seco*)⁵. No Alto Douro o trabalho foi premiado com o «vinho tratado e o vinho consumo»⁶.

O relevo da ilha do Pico, de origem vulcânica, é constituído por terrenos basálticos, pedregosos e em chão de lava negra. As vinhas ficaram implantadas em retalhos fragmentados no solo, ocuparam áreas planas junto ao mar, as fajãs⁷, e solos pouco evoluídos.

O clima do Alto Douro, mais agreste e frio nas áreas planálticas, mais quente e seco nas áreas profundas encaixadas no Douro, favorece a frutificação, a maturação, a doçura dos frutos e o teor alcoólico do vinho⁸. O clima do Pico é caracterizado por invernos e verões suaves⁹.

O rio Douro e os seus afluentes fornecem alguma humidade, juntando-se a outros agentes como as massas de ar, chuvas, orvalho¹⁰ e brumas, e associam-se aos factores «inconfundíveis»¹¹ representados pelo solo, clima, localização dos terrenos e exposição dos vinhedos aos raios solares¹² para beneficiarem a cultura da vinha. No Pico, a humidade das massas de ar procedentes do oceano Atlântico e as chuvas constantes que caem sobre a ilha tornaram necessária a construção de muros de protecção para tornar possível esta cultura e a maturação e doçura das uvas.

As duas regiões conheceram algumas dificuldades:

- o relevo acidentado da região do Douro embarçou o traçado de vias de comunicação, o arroteamento dos terrenos, a instalação dos socalcos e o escoamento da produção; no Pico, faltava um bom porto e a dispersão das vinhas por zonas isoladas da ilha levantou problemas¹³;
- o leito irregular e inseguro do rio Douro provocou transtornos e causou alguns acidentes; no Pico, o relevo dificultou as comunicações, as produções agrícolas e o seu transporte;
- os meios e as vias de comunicação foram impondo a sua eficácia com muita lentidão no Douro, mas permitiram a comercialização dos seus produtos; o porto da Horta foi essencial para escoar a produção vínica do Pico;
- no Douro, houve a captação de mão-de-obra local, regional e internacional; no Pico, foi sobretudo local e regional;
- os edifícios de suporte à quinta, à laboração, à extracção, ao envasilhamento e à conserva-

⁴ Engenharia adaptativa é o processo engenhoso de transformação da paisagem, tendo em vista o lançamento de culturas, seu cultivo, produção e seu escoamento, e a construção de elementos de apoio (caminhos, escadarias, habitações).

⁵ MEDEIROS, 1994: 210; GONZÁLEZ MORALES, 1997: 310.

⁶ REIS, 2013: 361.

⁷ MEDEIROS, 1994: 200, 201.

⁸ VISEU, 2007: 94.

⁹ SOUSA, 2004: 128.

¹⁰ VILLA MAIOR, 1865: 35; RIBEIRO, 2000: 14.

¹¹ Debates Parlamentares – *Annaes da Câmara dos Dignos Pares do Reino*, sessão n.º 55 de 5 de Setembro de 1908, p. 51. Disponível em <<http://debates.parlamento.pt/catalogo/mc/cp2/01/01/01/053/1908-09-05/51>>. [Consulta: 19/8/2017].

¹² VILLA MAIOR, 1865: 7.

¹³ MEDEIROS, 1994: 202.

ção da produção foram sendo erigidos no Douro. No Pico, adegas, armazéns e lagares eram construções simples, ajustadas ao tipo de laboração, extracção e envasilhamento da produção;

- a luta contra os efeitos provocados pelas doenças da vinha contribuiu para o melhoramento e afirmação da cultura da vinha¹⁴ e para o enriquecimento de algumas pessoas;
- a região do Douro dependeu de pessoas exteriores à região, no que respeita aos proprietários das quintas, caseiros, feitores, trabalhadores, arrais e compradores¹⁵; no Pico, grande parte dos proprietários de terrenos com vinhas eram do Faial, até às crises epidémicas do século XIX;
- a diferente partilha das terras e o diferente acesso a fontes de riqueza e de produção agrícola cinzelaram momentos distintos na sociedade e na História das duas regiões.

Os factores apontados pouco representariam sem os processos de cultura e de vinificação, a importância industrial e comercial dos produtos das duas regiões e a aptidão técnica dos homens e das mulheres que se entregaram a todas as lides necessárias¹⁶.

A QUALIDADE DOS VINHOS DO DOURO E DO PICO

As populações durienses estiveram ligadas às actividades vitivinícolas, desde o tempo dos romanos, e nelas se envolveram a nível individual, familiar e comunitário.

Os mosteiros cistercienses (séc. XII) investiram na plantação de extensos vinhedos, nas melhores áreas, criando quintas notáveis e produzindo vinhos de qualidade¹⁷, importantes para a celebração das cerimónias religiosas¹⁸, as refeições e a culinária.

A expansão do domínio trabalhado e o desenvolvimento de projectos agrícolas, a cargo de igrejas e dos monges desses mosteiros, acabaram por envolver as populações na procura de trabalho, na colaboração na produção de boas castas de uvas e no fabrico de vinhos de qualidade¹⁹.

Muitas quintas foram-se estabelecendo no Douro, depois, tendo acabado por aproveitar, retallar e ajardinar o espaço.

O vinho tratado da região do Douro conquistou faixas de mercado, aumentando a sua procura, graças às intrínsecas qualidades da sua vinificação que constantemente se foram afirmando. Constituem marcos históricos de afirmação deste vinho os seguintes acontecimentos, relacionados com o alargamento e a regulamentação da região, a expansão dos vinhedos até à fronteira espanhola e a crise das doenças da vinha:

¹⁴ MARTINS, 2008: 69.

¹⁵ SOUSA, 2007: 20.

¹⁶ VILLA MAIOR, 1865: 1.

¹⁷ ALBUQUERQUE, 2012; DIAS & DUARTE, 1999.

¹⁸ *A vinha e o vinho em Portugal*. Disponível em <<http://www.ivv.min-agricultura.pt/np4/91.html>>. [Consulta: 22/7/2016].

¹⁹ FERREIRA, 2010: 283.

Quadro 1. Marcos históricos da Região do Douro

Manual de boas práticas vitícolas – Região Demarcada do Douro, p.6. Disponível em <[http://www.ivdp.pt/pt/docs/SUVI-DUR/MBP_\(vs_integral\).pdf](http://www.ivdp.pt/pt/docs/SUVI-DUR/MBP_(vs_integral).pdf)>. [Consulta: 20/4/2016]

Data	Acontecimento
Ocupação Romana	Fonte de Milho (Régua) e outros locais
Épocas posteriores – séc. III a V	Achados arqueológicos (lagaretas)
Século XII	Mosteiros Cistercienses (zona de Lamego)
Séculos XIV- XV	Vinhos vermelhos de Lamego
1651	Acto de Navegação de Cromwell
1703	Tratado de Methuen
1756 (Marquês de Pombal)	Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro
1757 (Marquês de Pombal)	1.ª Demarcação da Região do Douro
1761 (Marquês de Pombal)	2.ª Demarcação Pombalina
1788-1795 (Dona Maria I)	Demarcações subsidiárias
1792 (Dona Maria I)	Destruição do Cachão da Valeira
1834 (Dom Pedro IV)	Abolição da Demarcação
1838 (Dona Maria II)	Restauração da Demarcação
Século XIX: décadas de 70 e 80	Oídio, filoxera, mildio
1907 (João Franco)	Nova Demarcação mais alargada
1908 (Ferreira do Amaral)	Correcções à última Demarcação
1921 (Antão de Carvalho)	Demarcação Actual
1982	Regulamentação da DOC Douro

O momento importante para a história do vinho do Porto ocorre no século XVII, quando os ingleses se estabelecem na cidade do Porto para exportar pela barra do Douro os vinhos de Lamego, de Riba Douro e de Cima Douro²⁰. Os ingleses e os escoceses traziam bacalhau e panos e, depois de já terem importado vinhos de Viana do Castelo e de Monção, foram-nos procurando no interior norte e sul do país.

Encontraram no Alto Douro um vinho mais forte e mais encorpado e um rio que permitiria transportar as pipas com este líquido até à sua foz para dali saírem para o estrangeiro²¹. A este vinho passou a ser adicionada aguardente para aguentar a viagem, processo essencial que deu origem ao vinho do Porto.

O vinho tornou-se o maior caso de sucesso da viticultura portuguesa em todo o mundo e foi ganhando ao longo dos séculos o estatuto de um grande vinho. O crescimento da procura e do valor do negócio provocou uma insuficiente produção e verificaram-se fraudes.

Em Setembro de 1756, Marquês de Pombal criou a Real Companhia Velha que deteve até 1865

²⁰ SILVA, 1990.

²¹ BARRETO, 2014.

o exclusivo da produção, do controle e da distribuição dos vinhos da região, dando início à estruturação da região vitícola, através da criação da Região Demarcada.

Esta regulamentação estabelecia as diligências necessárias para que a actividade económica se tornasse lucrativa e duradoura e lançava as relações que se passaram a estabelecer entre o Porto e o mundo duriense²².

Os efeitos devastadores das doenças da vinha (oídio-1851, filoxera-1863 e míldio-1893), mais intensos no Cima Corgo e no Baixo Corgo que no Douro Superior originaram a diminuição da produção²³, a reorganização fundiária, a descoberta de tratamentos e novos processos de plantio.

NOTAS

Em finais do século XVI, a cultura da vinha tornou-se uma das melhores formas de valorização da terra nos Açores e o vinho passou a fazer parte de vários circuitos comerciais²⁴.

O território de pedra da ilha passou a território de vinha, havendo o aproveitamento de solos pedregosos, a remoção e arrumação das pedras, a surriba de terrenos, o arranjo e a delimitação das pequenas parcelas. Os muros passaram a abrigar as vinhas dos ventos marítimos e algum vento que passava contribuía para a elevação do grau de sacarose, pois o ar quente renovado ficava em contacto com os cachos²⁵.

O vinho do Pico era de qualidade e a zona ocidental do concelho da Madalena era a mais propícia à cultura da vinha²⁶.

No século XVII o vinho dos Açores entrou nos circuitos que passavam pelo arquipélago e passou a fazer concorrência em Paris aos vinhos da Madeira, Canárias e Málaga, sendo comercializado por franceses e ingleses²⁷.

O vinho do *Pico seco*, mais corrente, era mais reputado na corte dos czares que o vinho do *Pico amoroso* e um dos mais apreciados da Europa do século XVIII.

Os vinhos do Pico receberam o nome de *vinhos do Fayal* e o vinho fino da Região Demarcada do Douro de Vinho do Porto, tendo este facto derivado do local de escoamento para o mercado (Horta/Porto) e onde vivia a maior parte dos proprietários das quintas e dos terrenos (Faial/Porto)²⁸.

As doenças da vinha (oídio –1952; filoxera –1870/80; míldio – 1896) também chegaram aos Açores e fizeram diminuir a produção de vinho. As vinhas foram abandonadas, os proprietários do Faial desfizeram-se das que tinham no Pico que passaram para as mãos de gente desta ilha, deu-se a fragmentação da propriedade e tentou-se a reconstituição da produção, graças à casta americana Isabela²⁹, tendo-se obtido vinho de cheiro de excelente qualidade³⁰.

²² SOUSA, 2007: 19.

²³ MARTINS, 1991: 663.

²⁴ MEDEIROS, 1994: 202.

²⁵ MEDEIROS, 1994: 218.

²⁶ MEDEIROS, 1994: 205-206.

²⁷ MEDEIROS, 1994: 207.

²⁸ MEDEIROS, 1994: 219-210.

²⁹ MEDEIROS, 1994: 213-215.

³⁰ CIPRIANO, 2016.



O território de pedra das duas regiões tornou-se em território de vinha, mas no Alto Douro o processo de instalação de quintas e o desenvolvimento da produção vitivinícola foi diferente abaixo e acima do Cachão da Valeira, devido à dificuldade de circulação da produção causada por esse acidente orográfico e à política protecionista e diferenciadora, orquestrada pelos governos centrais, a partir do Marquês de Pombal.

As quintas localizadas entre Barqueiros e a Valeira desenvolveram-se e passaram a escoar legalmente a produção, porque estavam situadas numa região demarcada; no Douro Superior, a constituição de quintas e a valorização da cultura da vinha, e do vinho, face às outras culturas mais pobres desse território, conheceu entre 1756 e 1865 um ritmo diferente, pois os seus vinhos eram escoados de uma forma camuflada³¹.

Nesse espaço, havia diminutas plantações de vinha e quintas, como Síbio, Arnozelo, Vargelas, Canais e Vesúvio.

O rio Douro foi uma via de comunicação e de transporte que ajudou na travessia de pessoas e bens, na concretização de negócios e no escoamento da produção duriense. O rio era muito perigoso³² e para facilitar a navegabilidade de embarcações, a montante do Cachão da Valeira, desde bem cedo se tentou a destruição do acidente orográfico, mas a obra de desobstrução só ficou concluída em 1792.

A partir de 1811, iniciou-se o transporte de vinhos, através deste rio, a partir das terras situadas a montante do Cachão da Valeira, tendo essa abertura constituído um significativo desenvolvimento do Douro Superior e da produção do Vinho do Porto. O reconhecimento da qualidade dos vinhos desta área territorial reforçou a reputação do Vinho do Porto nos mercados internacionais.

As doenças da vinha não foram sentidas tão intensamente no Douro Superior, como no Baixo e no Cima Corgo, onde os solos estavam mais esgotados pela cultura prolongada da vinha.

A chegada do comboio em 1887 a Mirandela e a Barca de Alva mexeu com a vida das populações e com o negócio do vinho e de outras produções locais.

CONCLUSÃO

O território do Douro vinhateiro passou por uma metamorfose, compassadamente ajustada ao incentivo no investimento na cultura da vinha, tendo-se registado uma autêntica revolução e um redimensionamento do espaço (séc. XXII – 2017). Esta transformação fez com que montes e montes passassem a ser áreas cultivadas e em contínua transformação.

Fenómeno idêntico foi sentido na ilha do Pico, porque foi necessário ajustar as castas das videiras ao tipo de solos e protegê-las da salinidade e dos ventos marítimos. A paisagem ficou encaixotada, retalhada e aprimorou-se o esforço humano para se obterem colheitas abundantes e vinhos de qualidade.

³¹ VILLA MAIOR, 1865: 6-7.

³² VILLA MAIOR, 1876: 4; BARRETO, 2014; SOUSA, 2007; PEREIRA, 1988; D'ABREU, 2007.

A complexidade deste processo resultou da relação que se estabeleceu entre o território e a dimensão do espaço apropriado. As vinhas e as quintas arrumaram-se, através de uma dinâmica de domínio sobre o território, ajustando-se às dificuldades apresentadas pelo relevo de implantação.

O relevo não foi um obstáculo à plantação da vinha, pois a videira lança as suas raízes mesmo em solos pedregosos. As pedras de xisto e de basalto concentram calor que transmitem às uvas, contribuindo para a maturação dos frutos e para o grau alcoólico do vinho.

O território de acima Valeira passou por impasses que limitaram a fixação de quintas e a cultura da vinha, devido ao estrangulamento do cachão, à dificuldade de escoamento da produção e à aposta em culturas de baixa rentabilidade. O território do Pico sentiu o impacto dos tipos de solo da ilha, os efeitos exercidos pelo oceano e a desprotecção das culturas.

Se a cultura da vinha não tivesse sido implantada nos dois territórios, a sua paisagem conservar-se-ia selvagem ou mesmo pouco humanizada.

O rio Douro foi domado e deu-se uma nova valorização da região e das paisagens durienses.

As quintas redimensionaram o espaço, tendo algumas delas contribuído para o aparecimento de lugares e de aldeias.

O desenvolvimento da vitivinicultura seria diferente, quer no Douro, quer no Pico, mesmo se vencidos os acidentes do relevo e adaptadas as culturas aos tipos de solo, não tivesse sido reconhecida a qualidade dos seus vinhos.

As paisagens onde assentam os vinhedos e cresce a cultura da vinha fazem parte de uma memória comum e são Património da Humanidade (Pico 2004; Douro 2001).

FONTES IMPRESSAS

Debates Parlamentares – *Annaes da Câmara dos Dignos Pares do Reino*, sessão n.º 55 de 5 de Setembro de 1908, p. 51. Disponível em <<http://debates.parlamento.pt/catalogo/mc/cp2/01/01/01/053/1908-09-05/51>>. [Consulta: 19/8/2017].

BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE, Maria Amélia Pires de (2012) — *Santa Maria de Salzedas. Espaço e Poder*. Tarouca: Câmara Municipal de Tarouca.
- BARRETO, António (1999) — *Douro*. «Fortunas e Negócios», n.º 78. Lisboa: F. C. S., p. 6.
- (2014) — *Douro. Rio, gente e vinho*. Lisboa: Relógio d'Água, 2014.
- CIPRIANO, Jorge (2016) — *Vinhos dos Açores, vinhos das ilhas de bruma*. «Clube de Vinhos Portugueses». Disponível na WWW: <<https://www.clubevinhosportugueses.pt/vinhos/regioes/aco-res/vinho-dos-aco-res/>> [Consulta: 13/8/2017].
- D'ABREU, Carlos (2007) — *Navegação no rio Douro – o sonho (re)corrente de Castela*. «DOURO — Estudos e Documentos», n.º 21. Porto: GEHVID.
- DIAS, Geraldo Amadeu Coelho; DUARTE, Luís Miguel (coord.) (1999) — *Cister no Vale do Douro*. Porto: GEHVID.

- FERREIRA, Carla Maria Sequeira (2010) – *O Alto Douro entre o Livre-cambismo e o Protecționismo: a “Questão duriense” na economia nacional*. Porto: FLUP. Tese de doutoramento.
- GONZÁLEZ MORALES, Alejandro (1997) — *Análisis comparativo de três islas macaronésicas (Pico, Porto Santo y Lanzarote): el cultivo de la vid*. In *Actas do III Colóquio «O Faial e a Periferia Açoriana nos séculos XV a XX»*. Horta: Núcleo Cultural da Horta, p. 305-323.
- MARTINS, Conceição Andrade Martins (2008) — *A “era de progresso” da viticultura nacional*. In CABRAL, Manuel Villaverde *et al.* (eds.) — *Itinerários: A investigação nos 25 anos do ICS*. Cap. 2. Lisboa: ICS, p. 69-87.
- ___ (1991) — *A filoxera na viticultura nacional*. «Análise Social», vol. XXVI, nº 112-113. Lisboa: ICS, 653-688.
- MEDEIROS, Carlos Alberto (1994) — *Contribuição para o estudo da vinha e do vinho nos Açores*. «Finisterra: Revista Portuguesa de Geografia», n.º 58. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, p. 199-299.
- PEREIRA, Gaspar Martins (1988) — *Alto Douro. Douro Superior*. Lisboa: Editorial Presença.
- REIS, Maria Cecília B. N. Rodrigues S. (2013) — *O Porto e o comércio na segunda metade do século XVIII. A Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro e os negócios do vinho*. Porto: FLUP. Tese de doutoramento apresentada à FLUP.
- RIBEIRO, José Alves (2000) — *Caracterização genérica da região vinhateira do Alto Douro*. «Douro: Estudos & Documentos», vol. V, nº 10. Porto: GEHVID, p. 11-29.
- SILVA, Francisco Rebelo (1990) – *Porto e Ribadouro no século XVII: a complementaridade imposta pela natureza*. «Revista da Faculdade de Letras – História», II série, vol. VII. Porto: FLUP.
- SOUSA, Fernando de (2007) — *O Alto Douro: da demarcação pombalina à classificação de Património Mundial*. «População e Sociedade», nº 13. Porto: CEPES, p. 19-30.
- SOUSA, Paulo Silveira e (2004) — *Para uma História da vinha e do vinho nos Açores (1750-1950)*. «Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira», vol. LXII. Angra do Heroísmo: Instituto Histórico da Ilha Terceira, p. 57-159.
- WISEU, Albano Augusto Veiga (2007) — *Memórias históricas de um espaço rural: três aldeias de Trás-os-Montes (Coleja, Cachão e Romeu) ao tempo do Estado Novo*. Porto: FLUP, p. 312. Dissertação de Doutoramento em História.
- VILLA MAIOR, Júlio Máximo de Oliveira Pimentel, visconde de (1865) — *Preliminares da ampelografia e oenologia do Paiz Vinhateiro do Douro*. 1.º fascículo. Lisboa: Imprensa Nacional.
- ___ (1876) — *O Douro Ilustrado: álbum do rio Douro e do paiz vinhateiro*. Porto: Liv. Universal de Magalhães & Moniz, 1876.